ANO II — Lisboa—Sabado, 11 de Maio de 1918 — N.º 363

Polaire

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 23

Editor — João G. Santos

Telefone: C. 1035

Realidades politicas

Alguns monarquicos nossos amigos, poucos é certo, mas do melhor quilate como lealismo e convicções, andam, ha mas tempos a esta parte, seriamente afitos com a possibilidade deste absurdo: *a consolidação da republica*. A tentativa sidonista, dizem eles, atraindo os elementos mais móles e adaptaveis do partido monarquico, afasta por completo a hipotese da Restauração. Quem se sente bem deixa-se estar, vae gosando uma tranquilidade relativa de que já se desabituára e, pela eterna lei do menor esforço, trata de aceitar definitivamente o *statu quo* da politica portugueza, procurando dentro dele realizar as suas aspirações e satisfazer os seus interesses. Nada mais falso do que esta forma de argumentar. Quem é monarquico, convictamente monarquico, não duvida um só momento de que a republica, afonsina ou sidonista, é sempre insusceptivel, por isso mesmo que é republica, de resolver o problema nacional. Nos paizes como o nosso, com uma antiga tradição de realeza, velha de muitos seculos, a republica é uma planta que não consegue vegetar. Se é demagogica, não vive porque contra ela reage sempre, numa resistencia passiva, que de quando em quando explode vitoriosa, a consciencia da Nação. Se tenta ser conservadora, nega-se a si propria, nega a sua intima essencia, maçonica e revolucionaria, podendo ver, no exemplo da monarquia liberal, deposta em 1910, por tambem se haver desmentido aos olhos da Historia, a curva logica do seu suicidio. Daqui não ha fugir. A doutrina do *quanto peor melhor*, defendida nos tempos do democratismo pela imprensa constitucional, nem mesmo por essa imprensa pode ser hoje sustentada. E' uma doutrina de fraqueza e de negação.

A Monarquia não se restaurará pelos erros da Republica; ha-de restaurar-se, sim, mas é pela infalibilidade das suas proprias virtudes politicas, que o Paiz reconhecerá inevitavelmente depois de tantos desenganos. Quero falar da verdadeira Realeza, aquela realeza legitima que nós defendemos, numa intima união de principios, e não a realeza mascarada de republica, a monarquia de barrete frigio, que desembarcou ha perto dum seculo na praia dos ladrões para que Sua Magestade El-Rei Dom Manuel II, cem anos depois, embarcasse para o exilio, atraiçoado e expulso, na praia da Ericeira.

Essa monarquia abastardada, essa monarquia anti-monarquica, não a queremos nós. Enquanto o seu espectro pairar sobre as nossas cabeças, enquanto houver a possibilidade, feita uma restauração prematura, de voltarem a governar, com os mesmos processos e os mesmos inconscientes vicios politicos, todos os responsaveis directos da republica, nós preferiremos decididamente que a Monarquia se não restaure. Para quê? Não valeria a pena comprar com um ultimo sacrificio uma ultima desilusão.

Dezenas de anos de mercancia eleitoral conseguiram, a mole e mole, perverter por completo nos nossos politicos as virtudes civicas da Raça. Toda a nossa ruina e toda a nossa miseria foi sem duvida o Parlamentarismo que as gerou. Graças á moeda corrente, embora falsissima, dos votos, arregimentaram-se consciencias em torno das bandeiras partidarias, que eram hasteadas alternadamente sobre o edificio do estado. Retirado ao Rei o seu poder soberano, sempre em tão intima ligação com o interesse nacional, nenhuma ideia generosa impulsionou mais a vida publica portugueza desfazendo-se pouco a pouco, no sorvedoiro do baixo parlamento, as nossas melhores energias tradicionaes. Não ha ninguem de são criterio que não concorda conôsco nesta verdade: o mal já vinha de traz.

E para que o mal que nós herdámos do passado não alastre para o futuro, é necessario, é indispensavel debela-lo desde já. E esse enorme serviço que nós esperamos da actual situação republicana. Não poderá o Senhor Presidente Sidonio Paes, restaurar o paiz dentro da republica. Não se fazem impossiveis. Um homem, por mais inteligente e energico que seja, gasta-se no poder, com o excesso do poder. Esta obra regenerativa, tal como ele a concebe não irá mais longe do que a sua existencia politica, efemera como a existencia politica de todos os chefes revolucionarios. Falta-lhe a tradição, falta-lhe a continuidade, faltam-lhe, atraz dos seus 45 anos de vida fisica, 8 seculos de vida tradicional. Não ha forma de os suprir.

Mas o que fica da sua obra, o que nos fica, a nós integralistas que amanhã havemos de resgatar, governando os pecados da Patria, é uma transformação completa dos nossos habitos politicos, um como que espirito novo em governantes e governados, cimentado no odio consciente ao sistema constitucional parlamentarista e no consciente respeito pela suprema autoridade do Chefe Supremo.

O presidencialismo terá como missão em Portugal aniquilava o Parlamento; nunca poderá substitui-lo, por sair enfraquecidissimo da luta e lhe faltaram aquelas ignitas possibilidades de triunfo que são o privilegio dos sistemas politicos perfeitos. Poder pessoal com origem electiva nem é monarquia, nem é republica. Terá um dia a sorte inevitavel de todos os equivocos; desfazer-se. Mas, quando isto aconteça, já o Parlamentarismo não existirá na vida portuguêsa as classes saberão o verdadeiro valor da representação profissional, já a confiança absoluta do povo na mais alta magistratura do Estado, não será para nós dirigentes da opinião publica futura, uma simples aspiração intelectual.

Assim é que os integralistas devem pôr o problema português e, como homens praticos e positivistas em politica, procurarem, dentro das possibilidades que nos oferecem as circunstancias actuaes, a sua inevitavel solução. Aos monarquicos que o sejam apenas por determinantes sentimentaes, áqueles monarquicos possuidos do espirito talassa e que, embora dum lealismo a toda a prova, poderiam comprometer mais tarde, na sua precipitação, a propria estabilidade da Monarquia restaurada, estamos em dizer-lhes, com muita serenidade, mas tambem com muita firmeza, que se tranquilizem absolutamente a nosso respeito e a respeito da situação politica que apoiamos, —nem a republica está hoje mais solida do que ontem, nem o nosso monarquismo estará amanhã menos solido do que hoje.

Conde de Monsaraz.

O Senhor D. Manuel
e o triunfo eleitoral monarquico

o Senhor D. Manuel dignou-se enviar ao Seu representante em Portugal o seguinte telegrama:

Ayres d'Ornellas---Hotel Central---Lisboa

Acabo de receber o seu telegrama anunciando o resultado das eleições. Quero dirigir-lhe a si e á Comissão Eleitoral as Minhas mais calorosas felicitações, pedindo para transmittir aos membros da Comissão e aos Meus partidarios de todo o país, que tão dedicadamente servem a Causa Monarquica, os mais sinceros agradecimentos.

Queira egualmente transmitir aos novos eleitos os Meus melhores votos e dizer-lhes que estou convencido de que saberão sempre representar no Parlamento as tradicções que durante oito seculos fizeram a grandeza do nosso País muito amado.

Neste momento tão grave quero testemunhar ao Meu representante não só os Meus agradecimentos mas tambem a Minha absoluta confiança.

Nesta crise terrivel devemos unicamente pensar no nosso País e nas nossas tropas, que o cobrem de gloria combatendo ao lado dos nossos aliados pela causa da justiça.

(a) Manuel R.

Orfeon de Coimbra

(Palavras ditas pelo grande artista Afonso Lopes Vieira no concerto de S. Carlos)

Minhas senhoras, meus senhores:

«Os estudantes do Orfeon Academico de Coimbra, ao realizarem em Lisboa o seu primeiro concerto, quiseram dar-me a honra de me escolher para seu anauto; e a minha missão, que é ao mesmo tempo simples e grandiosa, desempenha-se em muito poucas palavras. Ela consiste em recordar ao publico de Lisboa como é patriotica e bela a instituição do Orfeon Academico, e em afirmar, em nome de todos nós, como nos enche de alegria a presença dos estudantes coimbrões.

Obra de beleza ele proprio, o Orfeon apenas canta para criar beleza. E é assim que o produto destes concertos—alem da parte que será entregue á obra dos mutilados da guerra—se destina a levantar em Coimbra um dos mais formosos e poeticos padrões com que Portugal poderia ser dotado:—o busto de Camões escolar, abrindo os seus olhos para o Mondego das «doces e claras aguas» que ele cantou, num monumento que será erguido no Jardim Botanico, e em que o Poeta ali virá a ficar como o contemporaneo imortal de todas as gerações!

Neste palco vê-se agora, alta e gentilissima, a flor da mocidade portuguesa. E é no coração da mocidade portuguesa, é na palpitação anciosa da sua alma, que existe, mais forte que em nenhum outro coração e mais belo que em nenhuma outra alma—o amor sagrado da Patria, no culto consciente do espirito da nossa Raça.»

Nesta hora tão dolorosa e temerosa que atravessamos, é em que os nossos destinos se jogam tambem nos campos de batalha, em luta com o Monstro do Norte, o atroz invasor das Patrias,—nesta hora tremenda e magnifica, é no coração da mocidade portuguêsa que demora a fé heroica e a aspiração messianica do *Encoberto*,—quer dizer:—daquele Principio de Esperança invencivel e eterno que através da nossa Historia de epopeia, de dor ou decadencia, jámais deixou de iluminar, fortalecer as almas, e jámais tambem deixou de fielmente voltar na sua manhã de nevoa misteriosa, para nos dispensar a graça das vitorias! Neste palco está a flor dessa mocidade de Portugal, vinda da cidade mais rica e mais nobre de Tradição lusa:—Coimbra! Nome sagrado pela longa benção dos seculos, aureolado pelo encanto da mais admiravel Poesia, este nome em si condensa uma das melhores partes da alma da Nação, e, ao som das suas silabas musicais, nós invocamos todo um passado de nobre cultura, de intenso, fino e languido lirismo, e, enquadrada na casaria do burgo vetusto, emoldurada por sua vez na mais subtil e nostalgica paisagem, invocamos a sua juventude sempre renascente.

Escolares da Universidade de Coimbra, estes são os moços cavaleiros-cantores que elevam agora em Lisboa as suas vozes reunidas numa grande voz de confraria espiritual, que sucede e prolonga a tradição da que Antonio Joyce dirigiu. Na epoca em que vivemos, de reconstrução activa e de renovação tradicional, não seriam já as tunas academicas, com o seu espirito dispersivo e pitoresco, que poderiam corresponder ás aspirações desse novo espirito tradicionalista e, portanto, renovador.

Para esse fim, nenhuma corporação como esta—um Orfeon, palavra que logo sugere o mais forte espirito de unidade, orgão de vozes congraçadas na mesma colectiva harmonia, instrumento de almas e de laringes norteadas para a mesma polar aspiração, maravilhoso acorde de arte e de amor, elevando as suas asas abertas num vôo de beleza e de concordia!

Tudo isto é um Orfeon; e quando, como este, ele é composto por estudantes portuguêses, a sua expressão atinge tambem a mais alta beleza patriotica, porque o que nós desejámos é em verdade converter Portugal num orfeon de consciencias nacionais. Minhas senhoras e meus senhores: saudemos na mocidade coimbrã a mocidade portuguêsa; saudemos no Orfeon a esperança imortal da Patria como nós queremos:—portuguêsa e bela. E que os sorrisos das Senhoras sejam aquele alto e unico digno premio a conferir a esta Ala de Namorados!

Todos eguaes!

Liquidam os republicanos historicos...

De ha muito já está achado o justo termo para definir a «qualidade» dos diversos grupelhos republicanos: — todos eguaes! Seja qual fôr a sua proveniencia ou o rotulo dourado com que pretendam encobrir a sua essencia, logo á primeira vista se conhecem, quer pela sua aparencia, quer pelos seus actos. O republicano é, por via de regra, uma creatura facciosa e estupida, quando não pouco escrupulosa e matreira. Para ele, como muito bem diz um jornal da sua Grey, ha sempre duas patrias: — a Republica e a patria. A' cabeça do seu rol de aspirações está a Republica, incondicionalmente, liberta de todas as contingencias e de todos os perigos para a Patria.

Emquanto nós, monarquicos convictos, o somos como conclusão do nosso patriotismo, sem outra qualquer causa, eles não se lhes dá amanhã entregar o Paiz á anarquia maxima, para que o estandarte verde-rubro não deixe de tremular em Portugal.

Emquanto nós, monarquicos, por um espirito de sacrificio que chega a ser demasiado, deixamos para mais tarde a satisfação do nosso ideal de Portuguêses, eles servem-se do nosso patriotismo e da nossa abnegação para nos afrontarem nos nossos mais legitimos direitos e nos nossos mais sagrados interesses!...

Não vêem eles, no seu facciosismo estupido ou na sua cupidez grosseira que a nossa atitude não significa transigencia ou abdicação, e que eles serão ninguem no dia em que nós fizermos valer os nossos legitimos direitos adquiridos por um patriotismo sem mancha e por uma convicção que não falece! Pobres ingenuos ou estupidos patifes! Comvosco não ha plataforma possivel de entendimento, porque em todas as edades houve casas para os homens honrados e celas para os salteadores!...

Fala-se agora muito — e não sei eu a quem se admire da sua realisação — dum entendimento entre todas as forças republicanas unidas em «bloco de defeza da republica», para afrontarem aquele papão terrivel que os jacobinos denominaram o «perigo monarquico»! E' possivel que isso se dê — e é mesmo muito provavel.

Apezar da nossa pouca edade, a experiencia de sete anos de republica tem sido o suficiente para avaliarmos da mentalidade e da boa fé dos republicanos. Temo-lo dito e repetimos sempre: Tratando-se de republicanos, tudo é licito supôr! Só quem não tenha seguido todos os repugnantes conubios feitos nos ultimos anos, poderá um instante duvidar da possibilidade de tal união!

Ele será o ultimo golpe nas esperanças daqueles espiritos honrados que, ou por comodismo ou por ingenuidade, julgaram alguma vez poder ser duradoura uma tentativa de Ordem dentro da republica, como se fosse possivel aguentar-se um edificio sobre um campo de areia movediça! Ele será o toque a unir de todas as boas vontades e de todas as inteligencias para o mesmo fim bemdito a que todos os nossos esforços teem visado: — a reconstrução dum Portugal que já foi grande, pelas virtudes tradicionaes de que se afastou, repellindo do nosso caminho todos os estrangeirismos e todas as pegas felidas do reportorio nacional!...

João Camilo Felix Correia

Carta ao Ex.mo Sr. Dr. Sidonio Paes

Em que se fazem algumas considerações ácerca do problema economico que Sua Excellencia julga secundario, antepondo-lhe o problema politico

Ex.mo Senhor:

A juntar ás cartas abertas que em livros e jornaes lhe tem sido endereçadas nestes ultimos cinco mêses, permita V. que o uso seguido por tantos seja para mim considerado um direito.

Desde as cartas de aplauso e incitamento de correligionarios meus, até ás jeremiadas democraticas do Sr. Seixas Junior na «Montanha», nada falta e parece que nada ficou por dizer sobre qualquer assunto de ordem politica.

Não é, porém, precisamente de politica que eu desejaria falar ao supremo magistrado da Nação, eleito ha pouco mais de oito dias Presidente da Republica por quinhentos mil monarquicos portuguêses e proclamado por alguns republicanos historicos das varandas dos municipios. Tão pouco as tentativas ou os boatos de restauração afonsista me preocupam ou devem preocupar neste momento os defensores da confusa situação presente. Basta que nos seus postos estejam sempre os mantenedores da «ordem» e todos aqueles que juraram pelo sangue das victimas de sete anos de terror impedir para sempre o regresso da demagogia. Mas se em questões de politica o assunto está esgotado por todos os novos e velhos conselheiros e em especial pelo cidadão falassa «três estrelas» no seu livro «Republica Nova», permita V., que uma questão primacial seja posta com toda a crueza e com toda a realidade—sem reticencias, sem estrelas e sem esporas doiradas.

Quando muito, será uma esporada sangrenta nos flancos nédios duma casta que nos vem sugando o sangue e esgotando a paciencia.

A revolução de cinco de Dezembro, graças á incompetencia dos governos democraticos para resolver o problema economico, germinou, explodiu e triunfou numa atmosfera mais que favoravel:—propicia a um geral movimento de anarquia quanto mais a um saneamento moral politico duma sociedade desorganisada e corrupta.

Não é necessario pormenorisar os antecedentes da Revolução.

Preciso é, porém, relembrar a campanha da fome que tanto contribuiu para derrubar e para sempre o trono carcomido e ridiculo de tres tiranetes de barrete frigio. Implantada a Republica Nova, o pais respirou.

E, respirando, aguçou os dentes na ancia de finalmente comer um pouco de pão sem que algumas balas lhe servissem de conduto obrigatorio ou de necessaria droga digestiva.

Dizer a V. Ex.ª que se não pode ensinar o Evangelho a estomagos vasios parece que devia ser da minha parte uma audaciosa maneira de ensinar a tabooada a um ilustre professor de matematica. Os factos, porem, Ex.mo Sr., os terriveis factos provam-nos dolorosamente o contrario, pois parece que o actual governo tem em mira santificar as nossas almas pelo jejum e pela abstinencia.

E no entanto eu creio que uma grande parte do povo, indiferente em questões de publica governação, se lhe não daria ser governado por um autentico José do Telhado desde que a fome lhe não apertasse as ganas. O povo, digo eu, sem que por isso pretenda lançar o labéu de anti-patriotismo sobre a colectividade. E que, quem vin a sem-cerimonia com que a «gente de bem» roubava os estabelecimentos nos assaltos de Dezembro, não pode deixar de fazer suposições muito pouco lisongeiras sobre a moralidade social.

Que importa, Ex.mo Sr., que os actuaes dirigentes do Estado não defraudem escandalosa ou ocultamente o tesouro publico se hoje como ontem existe o germen de todas as revoltas, o cancro de todas as sociedades em decomposição: a fome?

Que importa a grande moralidade politica e os democraticos escrupulos legalistas do governo se hoje como ontem não ha pão, se hoje como ontem não ha batatas, se hoje como ontem as carabinas do exercito protegem da furia e da rapina popular a propriedade e as vidas da alcateia de lobos em que está transformada uma parte da sociedade portuguesa?

Ah! Ex.mo Sr.! Quantas medidas repressivas inuteis desde que, como tortulhos, as companhias de seguros e de reseguros irrompem de todos os lados, fortes e arrogantes, com os seus milhões de escudos e os seus cartazes anunciadores em que se preveem todos os riscos e onde tudo se segura menos a honra! Quantas tabelas de preços, ridiculas na sua ingenua e santa intenção de fixar o custo das subsistencias, desde que o artigo desapareça do mercado, costumado ha mais dum seculo á livre concorrencia e ha perto de quatro anos á livre exploração! O publico—creia V. Ex.ª—o publico que vive, ou antes:—vegeta com um ordenado fixo ou um salario variavel, consoante o esforço do seu braço, sem que o movimento de Dezembro tivesse em mira o equilibrio imediato da economia nacional, julgou que os novos governantes lançassem mão de novos processos, pondo de parte os cançados expedientes de que se serviam os governos democraticos.

Infelizmente, em logar de enveredar-se pela estrada larga que a Revolução oferecia a uma recta e inflexivel decisão militar, caminhou-se (e se V. Ex.ª meter a mão na consciencia reconhecerá que lhe pertencem as maximas responsabilidades) pelos atalhos tortuosos da politica e das intrigas eleiçoeiras. O resultado não podia ser mais funesto: Quando as unas consagravam o nome prestigioso de V. Ex.ª e lhe proporcionavam, mercê de lealdade e de abnegação monarquica, uma maioria de deputados que saberá honrar as cretinissimas tradições do parlamentarismo na imbecilidade da sua retorica balofa e da sua acção desmoralisante e corruptora, as batatas atingiam o preço de onze vintens e o pão de milho ia a caminho de três tostões o kilo! Bonito principio de legalidade constitucional; excelente espectativa das excelencias que nos tem reservadas a Republica Nova!

Sou um assalariado ex.mo sr. E porque o sou,—se bem que a minha gente isto pareça um paradoxo—tenho combatido o socialismo e o partido socialista desde o dia em que reconheci a sua acção nefasta e dissolvente na sociedade portuguêsa. Mas, porque sou um propagandista fervoroso do sindicalismo, na mais nobre e patriotica acepção da palavra, eu tenho o dever de pugnar a dentro da minha classe pelos interesses economicos e pelos interesses morais da Familia, da Profissão e da Colectividade-Estado. Concordo que V. Ex.ª tenha resentimentos sérios dos «meneurs» sem escrupulos que, arvorando-se em dirigentes do proletariado que exploram, só tem pretendido fazer oposição (e que miseravel oposição!) á ordem de coisas estabelecida pela Revolução de Dezembro. Por isso a entrada do sindicalista Doutor Martinho Nobre de Melo para o ministerio foi olhada com rancor pelos «ratos» das associações, que lhe não perdoam o ter afinidades intelectuaes e sociologicas com aqueles que consideram o partido socialista um partido de burguezes, como de burguezes eram os trez velhos partidos da partida Republica Velha.

O facto de o partido socialista que não é mais que a ultima e mais ridicula excrecencia da revolução francesa, se haver afastado dos sãos principios de elemen-

A censura

Reunião da imprensa

A' empresa de Lisboa foi dirigido o seguinte convite para se fazer representar numa reunião aonde será discutida a maneira verdadeiramente odiose como a censura está sendo exercida, e se tratará das providencias a exigir dos poderes publicos perante a intoleravel situação criada aos jornaes de Lisboa:

Na qualidade de redactor principal do «Jornal do Commercio e das Colonias», como actual decano dos jornaes diarios do paiz, tenho a honra de convo ar os directores da todos os restantes periodicos de Lisboa, bem como os legitimos representantes dos do Porto e provincias, para uma reunião que ha de realisar-se na proxima segunda-feira, 13 do corrente, pelas 2 horas da tarde, na casa da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa, á rua das Gaveas, 52, 1.º, a fim de se tratar do modo como está sendo exercida a censura preventiva e se accordar nos meios de conseguir a sua modificação.

Lisboa, 10 de maio de 1918.

ALBERTO BESSA.

Nós e o sr. Mayer

O sr. Mayer Garção que, desde que se arrependeu de dirigir sonetos liricos ao sr. Afonso Costa, foi tomado de uma subita e extranha fobia—a fobia monarquica, aparece todos os dias, ora a falar do perigo da monarquia ora da deslealdade dos monarquicos.

Ontem o sr. Mayer Garção queria que os monarquicos aderissem á republica... nova!

Este desejo do sr. Mayer, o eterno neto do arcade é, afinal de contas, um elogio para nós monarquicos porque, ou o sr. Garção vê em Portugal que a maioria é monarquica ou então entende que só os monarquicos podem reabilitar a republica, com o seu ingresso.

Não sabemos se foi assim que pensou o sr. Mayer Garção—cantor das democracias e visionario da liberdade—mas é o que vemos nas suas palavras e adivinhamos nas suas respectivas entrelinhas.

No mesmo artigo de ontem o sr. Mayer Garção extranha a atitude hostil dos monarquicos para com a republica. Ingenua extranheza a do sr. Mayer!

Para admirar seria que os monarquicos feridos nas suas crenças com a lei da Separação, na sua dignidade com as leis de excepção, nos seus principios e nos seus direitos com insultos desmarcados e assaltos plebeus ás redacções dos jornais, fossem expontaneamente (e a expontaneidade aqui seria uma inconsciencia), fossem pois, expontaneamente aderir á republica!

Depois, o sr. Mayer não devia extranhar a nossa hostilidade para com as duas republicas velha e nova porquento o sr. Mayer, na republica velha hostilisou o sr. Afonso Costa e na nova hostilisa o sr. dr. Sidonio Paes que apezar de tudo parece triunfar de todos os gajotes!

O "Mundo" e as festas da proclamação

Transcrevemos do *Mundo*:

«Na Camara Municipal de Lisboa reuniram ante-ontem algumas pessoas para proclamar o sr. Sidonio Paes. As tropas formaram, o que chamou alguns espectadores e ao fim da tarde cada um seguiu para seu lado—retirando os espectadores absolutamente indiferentes».

Hoje o nosso colega a *Situação* aparece cheia de admirações e comentarios por motivo desta singular reportagem do *Mundo* que com certeza pôz oculos escuros... por causa da vista!

Ora, o que a *Situação* não sabe é que a administração do *Muudo* é pessima: os exemplares destinados para a provincia e que traziam a noticia que acima reproduzimos, foram distribuidos em Lisboa, ao passo que os que eram para serem lidos aqui (e esses então traziam uma larga reportagem!) foram para a provincia!

Um erro de administração e nada mais!

Transcrições

O nosso prezado colega de Angra do Heroismo *A Verdade*, transcreveu em um dos seus numeros o artigo do nosso colaborador sr. Campo Figueira subordinado ao titulo—*Questões economicas*. Agradecemos.

Livros e publicações

Previnem se os srs. auctores e editores de que neste jornal só será feita a critica literaria ás obras de que sejam enviados **dois exemplares** á sua redacção.

O decreto da amnistia

O decreto da amnistia promulgado ante-ontem, se veiu responder á necessidade urgente de pôr cobro a uma odiosa excepção de que os monarquicos teem sido victimas nem por isso deixa de conter imperfeições e uma rasoavel dose de injustiça... Não se compreende que tentando-se pacificar a familia portugueza e tendo a attitude dos monarquicos perante o conflicto com Alemanha sido duma lealdade patriotismo e desinteresse que a todos deveriam impôr-se, não compreende que as reintegrações no exercito apenas abranjam os oficiaes que foram atingidos por penas disciplinares, excluindo portanto militares briosissimos e valorosos como Remedios da Fonseca, Julio da Costa Pinto, Marquês de Belas e muitos, muitos outros entre eles os condenados á pena maior. E' uma iniquidade contra o qual protestemos veementemente visto que acima de tudo deveria ser considerado o patriotismo que esses oficiaes teem mostrado perante a grave situação que o paiz atravessa e o desinteressado offerecimento que todos eles fizeram de leal cooperação com o nosso exercito nos campos de batalha!

Pelos nossos soldados

Exequias na egreja da Estrela

Na paroquial egreja da Estrela celebraram-se hoje, pelas 11 horas da manhã, solemnes exequias por alma dos nossos soldados mortos em França, constando as cerimonias de missa de «Requiem» cantada, acompanhada a orgão e libera-mês.

Foi celebrante o rev. prior Domingos Nogueira, tendo como diacono e subdiacono os rev. capellães militares Jacinto de Almeida Mota e Manuel José Gonçalves, servindo de mestre de cerimonias o capellão militar rev. Avelino de Figueiredo.

Ao centro do magestoso templo via-se uma eça rodeada por seis bocheiros.

A concorrencia de fieis foi numerosa vendo-se entre a assistencia muitos militares.

EM ARROIOS

Desabamento da empena dum predio

Hoje, pelas 11 horas da manhã abateu a *empena* do predio n.º 24 da rua José Falcão, a Arroios, pertencente á sr.ª D. Gertrudes da Costa, moradora na rua Latino Coelho, 55.

Não houve felizmente desastres pessoaes, abandonando os inquilinos o predio que apresenta fendas.

NOVIDADE LITERARIA

"Ana Maria,,

Peça em um acto

por

HIPOLITO RAPOSO

A' venda em todas as livrarias

Preço--300 réis